

AS VOZES DISTINTAS DO EVANGELHO

Wanderson José dos Santos⁸⁷

Resumo: Neste artigo, propõe-se discutir as vozes distintas de acordo com cada perspectiva dos evangelistas. Destacamos a importância de olhar para os quatro Evangelhos de acordo com a ótica deles. Um paradigma que foi abordado é a relevância particular que cada obra tem, pois não foram apenas registros sobre a vida e obra de Jesus, mas particularidades sobre Deus agindo por meio de seu Filho na terra. Objetivando assim, interpretar a maneira que cada autor registrou sobre Jesus Cristo.

Palavras-Chave: Vozes distintas. Perspectivas. Evangelhos

Abstract: In this article, the aim is to discuss the different voices of the evangelists according to their individual perspectives. We emphasize the importance of looking at the four Gospels from their point of view. An aspect that was approached is the particular relevance that each work has, as they were not only records of the life and work of Jesus, but also descriptions of God acting through his Son on earth. Thus, we aim to interpret the way in which each author wrote records about Jesus Christ.

Keywords: Different voices. perspectives. Gospels

1. Introdução

Neste artigo, visa argumentar o tema *as vozes distintas do Evangelho*, refletindo a forma como eles escreveram sobre a mesma pessoa, Jesus, mas com óticas distintas um do outro. Por que temos quatro Evangelhos falando sobre a mesma pessoa? Não seria adequado ter apenas um Evangelho? Aproveu a Deus registrar na Bíblia quatro obras que falam sobre a mesma pessoa, Jesus, para enfatizar sua grandeza sendo dita por ângulos distintos um dos outros. Afinal de contas, Lucas não possui o mesmo nível acadêmico que Mateus, Marcos não possui a mesma estrutura linguística de João, portanto, cada evangelista escolheu suas palavras, estilos e estruturas para escrever suas obras.

⁸⁷ Mestrando em Estudos Bíblicos e Teológicos do NT pelo Seminário Teológico Jonathan Edwards. Mestrando em Hermenêutica e exposição bíblica pelo Seminário Teológico Betel Brasileiro, São Bento – SP; Pós-Graduado em Teologia do Novo Testamento pela Unifil e pelo Seminário Jonathan Edwards; Graduando em Letras pela UNIFAVENI – SP; Curso gramática para preparadores e revisores de texto pela Universidade do Livro, UNESP – SP; Bacharel em Teologia pelo Seminário Betel Brasileiro, Santo André – SP. E-mail: wanderson.jose93@gmail.com

2. As vozes distintas

Cada Evangelho expõe sua abertura introdutória de uma forma particular. Os quatro primeiros escritos do Novo Testamento são os retratos literários mais importantes de Jesus Cristo em toda a história do cristianismo. “O NT contém quatro testemunhos narrativos do ministério de Jesus, e todos descrevem o significado teológico de Cristo de formas distintas” (THIELMAN, 2007, p. 53). Os conteúdos desenvolvidos nos Evangelhos são relatos narrativos sobre Jesus Cristo, cada um com sua ótica particular e distinta um do outro.

Eles são distintos porque seus objetivos são diferentes. Em Mateus, vemos a natureza Messiânica de Jesus. Em Marcos, deparamo-nos com um Jesus, servo de Deus. Em Lucas, observamos Jesus, o Filho do Homem, isto é, a humanidade de Jesus em Lucas é mais acentuada. No Evangelho de João, vemos o verbo, a natureza divina de Jesus. Cada evangelista tem sua ótica distinta sobre Jesus, por isso devemos compreender que cada um deles está escrevendo para um público distinto do outro. Conforme a ótica desses evangelistas vemos um Deus que cansa, chora, sangra, morre e ressuscita através dessas perspectivas específica. Conforme I. Howard Marshall,

Os modos como as pessoas pensam dentro de suas estruturas podem ser pesquisados, para tanto, mais uma distinção útil pode ser feita entre o interesse ou interesses principais de um autor e a elaboração detalhada desses interesses. Ao traçar essa distinção, podemos detectar o núcleo de seu pensamento e evitar o risco de perder a visão da floresta por estarmos olhando apenas para uma árvore. Por exemplo, os conteúdos detalhados dos três evangelhos sinóticos demonstram um grau considerável de semelhança e repetição. No entanto, se prestarmos atenção a seus interesses principais, isso nos ajudará a reconhecer que eles podem apresentar diferenças significativas na forma como cada autor utiliza seus materiais. Mateus enfatiza a figura de Jesus como mestre, enquanto João busca mostrá-lo mais como aquele que nos revela Deus (MARSHALL, 2018, p. 31).

Darrell L. Bock, um grande estudioso do Novo Testamento ainda sustenta que,

Um argumento que alinha todo o livro é que o leitor dos evangelhos deve respeitar as afirmações dos documentos que apresentam Jesus como uma figura que faz asserções, sem precedentes, sobre a autoridade proveniente de seu relacionamento único com Deus (BOCK, 2013, p. 19).

O que torna os relatos de Jesus profundo é entender que os Evangelhos têm quatro evangelistas falando da mesma pessoa, Jesus Cristo, com óticas distintas e perspectivas teológicas diferente um do outro. Ainda segundo Bock,

Assim como há quatro direções no mundo em que vivemos, e quatro ventos universais, e como a igreja está dispersa sobre toda a terra, e o evangelho é a coluna e a base da igreja e o sopro de vida, também é natural que deva haver quatro colunas, soprando imortalidade de todas as quatro direções e acendendo a vida dos homens de novo. Daí, fica manifesto que a Palavra, o arquiteto de todas as coisas, que se assenta sobre o querubim e mantém todas as coisas unidas, ao ser manifestado aos homens, tenha nos dado o evangelho em forma quádrupla, mas unido por um só Espírito (BOCK, 2013, p. 21).

Os Evangelhos não foram escritos apenas para mostrar quais foram as palavras que Jesus falou, como ele se comportou, ou até mesmo como ele se relacionou com as pessoas. Nesses Evangelhos vemos a forma que Cristo fala e age em nome de Deus. “Ele não é apenas um profeta, tampouco o agente humano do Reino de Deus” (BOCK, 2013, p. 21), Deus está agindo na história através de seu Filho, Jesus.

A Bíblia expõe quatro Evangelhos sobre Jesus Cristo sendo elas uma unidade literária, nenhum Evangelho é diferente do outro no sentido de composição literária. Cada um em seu próprio contexto distinto e estilo linguístico escrevendo o mesmo gênero literário, Evangelho. Cada um deles decide complementar uma perspectiva distinta de Jesus. Por causa de necessidades específicas de pessoas e experiências distintas. Não são quatro Evangelhos, é um único Evangelho com quatro retratos distintos de uma única pessoa, Jesus Cristo. Havia assuntos importantes para serem ditos, por isso, eles selecionaram, adaptaram e organizaram os materiais que escreveram. Tudo isso para apresentar de formas distintas.

Mesmo falando da mesma pessoa e os mesmos eventos, eles selecionaram aquilo que queriam escrever, adaptaram e organizaram aquilo que queriam colocar em seus livros. Eles são teólogos ao mesmo tempo em que são historiadores, ou seja, eles não estavam descrevendo fatos de uma forma neutra, eles estavam fazendo teologia acerca daquilo que aconteceu.

De acordo com Frank Thielman,

Os cristãos eram constantemente desafiados a comprovar a precisão histórica do relato do ministério, da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. Seu evangelho único fazia afirmações históricas, e formas fraudulentas do evangelho também faziam suas afirmações. Era extremamente necessário, portanto, que os cristãos primitivos e

ortodoxos radicassem profundamente suas convicções teológicas nas testemunhas mais antigas de Jesus e seu significado (THIELMAN, 2007, p. 58).

Ter uma afirmação por escrito sobre Jesus Cristo era importante para proteger a igreja de falsas heresias que poderiam estar circulando acerca de Jesus. Conforme Bock,

É essa mistura de continuidade e diversidade nos evangelhos que fornece à descrição de Jesus sua riqueza e que abre a porta para uma nova análise de quem Jesus é à luz dos evangelhos estudados como uma unidade (BOCK, 2013, p. 22).

O Senhor Jesus Cristo é apresentado por meio de quatro vozes distintas. Os Evangelhos foram escritos para um público amplo, porém, devemos compreender que os públicos originais para o qual os Evangelhos foram escritos não são tão claros, mas eles foram escritos, em cada caso, para uma comunidade ou conjunto de comunidades locais. “O argumento de consenso é que os relatos de cada evangelho são contados de uma forma que a narrativa seria relevante para uma pequena comunidade” (BOCK, 2013, p. 23). Ainda segundo Bock,

A implicação da intenção deles, a saber, de se dirigir à igreja em geral, significa que o que nós não sabemos com certeza sobre as particularidades de cada ambiente do Evangelho – e há muita coisa que nós não sabemos sobre tais detalhes – causa pouco impacto sobre nossa avaliação da mensagem básica desses evangelhos. Não é preciso um conhecimento profundo da comunidade original a qual cada evangelho foi endereçado para se entender sua mensagem, embora tal conhecimento, quando pode ser determinado, de fato nos ajude a avaliar certas nuanças de detalhe (BOCK, 2013, p. 23).

As estruturas de cada Evangelho é o que nos ajudam a ter uma consciência do que sabemos e o que não precisamos saber sobre suas origens, ou seja, a estrutura, temas, autoria, datação e ambiente de cada uma dessas obras é o que consideramos. É exatamente isso que nos mostra as distinções de cada obra, Marcos é diferente de Mateus por causa de sua estrutura e tema, João é diferente de Lucas por causa de sua estrutura e tema, e assim por diante. É por isso que são chamados de quatro retratos literários de um mesmo Evangelho, ou um Evangelho e quatro evangelistas.

O fato de termos quatro Evangelhos nos mostram que o Senhor Jesus Cristo, é grande, e uma única perspectiva não seria suficiente para compor a tremenda grandeza e infinitude de sua Pessoa, portanto, por causa de necessidades específicas de pessoas distintas e experiências particulares de cada um dos evangelistas surgem Evangelhos distintos falando da mesma pessoa, mas com perspectivas distintas.

Marcelo Musa Cavallari ao escrever sua belíssima obra intitulada, *Evangelhos*, argumenta algo muito interessante sobre o termo Evangelho, ele esclarece,

Marcos usa o termo Evangelho oito vezes, Mateus quatro e Lucas nenhuma, embora use o verbo derivado. Se a primeira frase de Marcos, “princípio do bom anúncio de Jesus Cristo” é, como creem alguns, um título, então ela é o exemplo mais antigo de uso de *euaggelion* como título de um livro que conta a história de Jesus. Irineu, um apologista cristão do século II, usa o termo inequivocadamente para falar dos quatro textos, embora também chame de evangelho os demais escritos do Novo Testamento, uma vez que todos se referem a Jesus. Eusébio de Cesareia, assim como Irineu, fala sempre de “evangelho” no singular, enquanto Clemente de Alexandria (que viveu no fim do século II e início do século III) mesmo quando cita um dos textos diz “evangelhos”, no plural. Desde muito cedo, a tradição viu os quatro textos como partes indispensáveis de um único “bom anúncio (CAVALLARI, 2020, p. 28).

Jesus Cristo é grande demais e isso é apresentado nos quatro Evangelhos de acordo com as perspectivas de cada um. É possível observar que cada um tem à sua maneira de apresentar Jesus Cristo para o público com suas próprias ênfases teológicas. Entretanto, algo muito importante de observar nos Evangelhos é que cada Evangelho inicia com uma preposição em grego “*kata*”, na qual significa de acordo com, ou seja, cada Evangelho é escrito “de acordo” com o pensamento de cada autor.

3. De acordo com (*κατά*)

Observamos que o termo Evangelho é usado pelos escritores. Outra questão muito interessante é sobre a preposição “*kata*” (*κατά*) que aparece nos Evangelhos. Por exemplo, a tradição antiga atribuía o Evangelho a Mateus, mas não necessariamente a autoria dele, sendo assim, a expressão “de acordo com” (tradução da preposição *kata*) que antecede o nome dos evangelistas não significa necessariamente autoria. O normal em grego para se identificar o autor de uma obra seria usar o simples caso genitivo no nome ou no artigo definido para nomes como o de Mateus.

A palavra “de acordo com”, tradução da preposição *kata*, pode, também se referir à autoria do texto ou indicar que Marcos, Mateus, Lucas e João como os responsáveis pelo conteúdo e forma de cada versão do Evangelho, por isso, que na Bíblia em grego do Novo Testamento os Evangelhos começam com as preposições *kata*. De acordo com Pennington,

Essa discussão se sobrepõe significativamente ao capítulo anterior e à questão do significado do *euangelion* e dos sobrescritos para os nossos quatro evangelhos, porque a titulação desses relatos como “O Evangelho segundo...” inevitavelmente criou uma expectativa para o que estava prestes a ser ouvido, lido e experimentado. Para Marcos, isso é mais óbvio com suas palavras iniciais: “O começo do evangelho sobre/de Jesus Cristo”. Palavras de abertura de Mateus – “o livro da gênese de Jesus Cristo...” – identificam seu trabalho como literário (e não apenas uma coleção de aforismos ou ditos) e, especialmente, evocam uma conexão forte e óbvia com o livro de Gênesis e as porções genealógicas do Antigo Testamento. No prólogo muito mais técnico de Lucas (1.1-4), ele chama sua própria descrição de narrativa ordenada (*diegesis*). A impressionante abertura de João – *No princípio, era o Verbo* – desperta seu próprio conjunto de associações, tanto com o início da Sagrada Escritura, na criação em Gênesis 1.1, quanto com a profunda e importante tradição filosófica grega referente ao Logos (*logos*) [...]. Esse título de “Evangelho” torna-se a “palavra mestra” abrangente que cria um rico conjunto de expectativas (PENNINGTON, 2019, p. 39-40).

Para os primeiros cristãos esse título passou a referir-se a uma narrativa sobre Jesus Cristo. Quando olhamos para a tradição escrita dos manuscritos encontramos evidências de autoria seja no começo ou no final do livro, por exemplo, nas cartas paulinas. O modo que os escribas usavam para descrever isso era por meio do genitivo que trazia a ideia de posse, ou seja, foi Paulo que escreveu, ele é o próprio originador. O escritor é o autor da carta e esta carta pertence a ele, sendo a sua identidade. Os Evangelhos nunca dizem “de” Marcos ou “de” João, eles preferem a expressão grega “*katá*”, e essa pequena evidência demonstra uma consciência na igreja primitiva de que aquele material era de Cristo, isto é, Jesus era o conteúdo daquele material. Os Evangelhos são apresentados de acordo com diferentes autores. Sendo assim, esse é o Evangelho de acordo com Marcos, de acordo com Mateus, de acordo com Lucas e de acordo com João.⁸⁸ Segundo Leon Morris,

Enfrentamos um problema quando passamos para os evangelhos. Se nos concentramos no que Jesus fez e disse, poderemos esquecer que cada evangelista é um teólogo. Se tentarmos destacar a contribuição de cada um, podemos dar a impressão de que Jesus não fez nem disse muitas coisas (MORRIS, 2009, p. 109).

Esses retratos distintos nos mostram as palavras que o próprio Jesus disse, ou seja, esse acontecimento da vida e obra de Jesus Cristo, caso não fosse verdadeiro ou ele não estivesse vindo literalmente para a terra, não haveria cristianismo, não haveria Evangelho, ou melhor, não haveria os relatos sobre o Deus encarnado. Temos a

⁸⁸ Começo com o Evangelho de Marcos, porque acredito que esse foi o primeiro Evangelho a ser escrito.

oportunidade de ver o Deus encarnado na particularidade de cada um dos relatos de acordo com cada autor.

Marcos, Mateus, Lucas e João tem seu próprio pensamento teológico, entretanto, isso não faz admitir que a teologia de cada um é maior ou mais importante do que o outro. “Nenhum deles é um gênio teológico que propõe um conjunto singular de ideias originais para edificação dos fiéis” (MORRIS, 2009, p. 110). As palavras de Jesus e os seus atos são os objetos de cada Evangelho e essa é a razão por que os Evangelhos foram escritos.

Estudar os Evangelhos de acordo com a ótica de cada evangelista, é analisar a seleção dos materiais e os motivos pelos quais chegaram à determinada seleção sobre o que eles quiseram dizer com o que escreveram. Olhar para eles é compreender a perspectiva sobre o ministério de Jesus de acordo com Marcos, Mateus, Lucas e João. O foco não é quem escreveu, ou analisar o conteúdo de cada um, mas amar o Jesus que é retratado por cada um. Os Evangelhos trazem informações confiáveis sobre Jesus Cristo. Os Evangelhos protegem nosso pensamento sobre falsas doutrinas cristológicas. Segundo Morris,

Alguns críticos destacam tanto o papel da igreja ao manusear a tradição incorporada nos evangelhos, que Jesus é reduzido à insignificância. Não há dúvida de que o papel desempenhado pela igreja foi importante. Cada evangelista era membro da igreja e escreveu com as necessidades da igreja em mente. Cada um nos transmitiu, e nem poderia ser de outra forma, apenas informações que se preservaram na igreja. Muitas coisas da vida de Jesus nos são desconhecidas; claramente o que foi preservado sobreviveu porque era lembrado pela igreja como algo importante (MORRIS, 2009, p. 110).

Jesus é importante demais para ser lembrado e descrito pelos evangelistas. Devemos entender que cada evangelista tem sua maneira peculiar de escrever sobre Jesus e sua própria reflexão teológica sobre ele. Os Evangelhos apresentam as boas-novas a respeito de Jesus, o Messias, o Filho de Deus, sendo assim, não são apenas histórias, são pensamentos teológicos de acordo com Marcos, Mateus, Lucas e João.

Evangelhos são uma devoção a pessoa Jesus Cristo. Cada um dos evangelistas tem à sua maneira de prestar sua devoção a Ele, porém, devoção não apenas no sentido de louvar, mas de transmitir a personalidade de Cristo por meio da escrita. “A característica comum mais óbvia é sua natureza literária básica como narrativas conectadas das atividades de Jesus” (HURTADO, 2012, p. 349).

A vida de Jesus é retratada distintamente pelas perspectivas de cada evangelista. As seqüências de suas respectivas narrativas conectadas variam, em alguns casos de modo bem compreensível. Cada retrato de Jesus apresenta uma estrutura narrativa, isto é, cada Evangelho tem uma trama, uma linha histórica e cada dito particular dentro desse relato é sequencial.

Mesmo sendo diferentes os evangelistas desenvolvem uma estrutura similar sobre as atividades de Jesus, por exemplo, Marcos, Mateus e Lucas apresentam o personagem João Batista, e mostram a trajetória para Jerusalém. Hurtado sustenta,

À luz das diferenças entre eles é tanto mais interessante que todos tenham uma estrutura narrativa perceptivelmente similar para as atividades de Jesus, que começa com João Batista, depois apresenta Jesus, seguido por uma apresentação sequencial de suas atividades que incluem o chamado de discípulos, milagres, ensinamentos, controvérsia e oposição. Todos eles culminam em uma viagem a Jerusalém com uma narrativa extensa dos eventos, interrogatórios diante de autoridades religiosas e civis, sua execução pública e sua ressurreição e uma afirmação pós-ressurreição de sua discipulos (HURTADO, 2012, p. 349).

As versões que são apresentadas pelos evangelistas têm seus relatos com detalhes interessantes mesmo sendo uma história semelhante, por exemplo, observe o texto da tentação de Jesus. Ele, é anunciado nas vozes de cada evangelista sendo um modelo exemplar e autoritativo em suas ações e ensinamentos, no mundo narrativo dos quatro, vemos o caráter de Deus, autoridade e voz confiável cujo endosso de Jesus é relatado, por exemplo, no batismo de Jesus, na qual ouvimos a voz de Deus, e no decorrer dos Evangelhos, vemos como Deus realiza sua vontade na pessoa do Filho, Jesus. O próprio Jesus é a expressão clara de Deus.

Os Evangelhos expõem Jesus como uma figura de Adão, isto é, Jesus como o último Adão e inaugurador de uma nova criação, Ele é a imagem restaurada de Adão, Cristo é o perfeito Adão. De acordo com G.K Beale,

A genealogia de Mateus começa com a expressão grega *biblos genesos*, que pode ser traduzida por “livro da genealogia” ou “livro do princípio” ou até mesmo “livro de Gênesis”. Isso parece ser uma alusão a Gênesis 2.4, que também tem *biblos geneleos*: “Este é o livro da geração (ou “Gênesis”) do céu e da terra, quando foram criados, no dia em que o Senhor Deus fez o céu e a terra”. De forma semelhante, Gênesis 5.1,2 diz: “Este é o livro da geração (*biblos geneleos*; que alguns traduzem por “genealogia”) do homem no dia em que Deus criou Adão, à imagem de Deus o fez. Macho e fêmea os criou, e os abençoou; e chamou o seu nome de Adão, no dia em que os criou”. Então, assim como em Mateus 1, segue-se uma genealogia (a primeira na Bíblia), começando com Adão e terminado com Noé. A alusão de Mateus a Gênesis 2 e 5 fica ainda mais evidente se observarmos que

esses são os dois únicos lugares em todo o AT grego em que a expressão *biblos geneseos* aparece. O objetivo de Mateus ao usar essa expressão é deixar claro que ele está narrando o registro de uma nova era, a nova criação, iniciada pela vinda, morte e ressurreição de Jesus Cristo (BEALE, 2021, p. 177).

De acordo com o pensamento de Mateus, vemos uma nova criação em Cristo, Jesus é o último Adão restaurado. Seus pensamentos teológicos são desenvolvidos nos seus escritos. Mateus, tem um objetivo ao iniciar seu Evangelho com uma genealogia.

Marcos, Mateus, Lucas e João fazem questão de expor a voz de Cristo, e sua voz é sempre confiável, Ele nunca erra e os leitores nunca têm motivos para duvidar Dele. Seus ensinamentos são inteiramente autoritativos e superiores a todas as autoridades. Os evangelistas não escreveram um Evangelho para anunciar a vida de Cristo somente, mas mostrar em detalhes as próprias palavras que Jesus disse, a forma como ele conversou com as pessoas, a maneira injusta que ele morreu e a sua ressurreição.

Devemos observar os detalhes de todos os textos dos Evangelhos e como eles estavam expondo seus pensamentos teológicos nos textos. Eles pastoreavam e ensinavam (teologia) as comunidades enquanto escreviam. Ler a teologia de cada Evangelho é analisar as reflexões teológicas detalhadas de cada um, por exemplo, no Evangelho de João vemos a forma que ele pensa teologicamente sobre a humanidade (ou encarnação) de Jesus.

É importante reparar a maneira que Jesus lida com os vulneráveis. Conforme Hurtado,

Ele também é apresentado como inteiramente empático com esses ensinamentos nos valores defendidos nos escritos, com referências à sua compaixão, sua preocupação com os mais vulneráveis (p. ex., mulheres, leprosos, crianças) e sua crítica à ostentação e hipocrisia religiosas. Seus oponentes estão sempre e claramente errados e são caracterizados no melhor dos casos como espiritualmente obtusos, e no pior como moralmente corruptos (HURTADO, 2012, p. 350-51).

As ações de Jesus são expostas pelos evangelistas em cada cena, e a forma como ele lida com os vulneráveis é algo para prestar atenção. Outro elemento importante de olhar são os discípulos Dele. Os discípulos são escolhidos por Jesus para realizar as obras futuras e pregar as boas novas no nome de Jesus aonde forem, mas antes precisam ser moldados e treinados. Os autores dos quatro Evangelhos fazem questão de expor as falhas e deficiências deles.

Termos como “Cristo (gr. *Χριστός*), são utilizados pelos quatro evangelistas para enfatizar que cada um reconhecia Jesus como o portador legítimo desse título. Todos indicam que Jesus redefine a obra do Cristo. Esse título significa ungido, isto é, Jesus foi ungido para uma tarefa da mesma forma que os personagens eram ungidos para uma determinada função, por exemplo, reis, sacerdotes e profetas, Cristo também foi segundo o Novo Testamento. Conforme Hurtado,

Uma terceira característica de todos os quatro Evangelhos canônicos, muito mais importante do que alguns estudiosos parecem reconhecer, é o modo como eles estabelecem seus relatos sobre Jesus dentro de um contexto histórico, cultural e geográfico específico (HURTADO, 2012, p. 352).

Cada autor mostra Jesus na Judeia romana (Palestina) e cada perspectiva das ações de Jesus são ricas e detalhadas. Por exemplo, a mulher samaritana em João 4 é uma cena formidável. O foco não está apenas na teologia do texto, mas no comportamento de Jesus com uma mulher em uma região específica (Samaria). Situar Jesus Cristo em contexto histórico, geográfico e cultural específico, é importante.

Jesus não é um personagem simples de uma região humilde, mas uma pessoa importante que teve impactos em regiões específicas. Em cada região é vista a forma que Deus agiu através da vida de Cristo. Deus está agindo em todos os evangelhos, Deus não está ausente, ele está perto e agindo. Ainda segundo Hurtado,

[...] os Evangelhos canônicos nos fornecem um impressionante corpo de informações sobre os aspectos geográficos e socioculturais da Judeia romana (Palestina) nas primeiras décadas do primeiro século. Isso certamente não significa automaticamente que todos os incidentes narrados pelos autores dos Evangelhos aconteceram realmente (ou aconteceram exatamente como são relatados nos Evangelhos) ou que todas as figuras que aparecem nos Evangelhos são pessoas históricas reais (HURTADO, 2012, p. 354-55).

Os autores se esforçaram para situar Jesus dentro de cada contexto histórico e cultural específico, ou seja, ao agirem dessa forma, os evangelistas reuniram informações sobre o ambiente de Cristo, e por serem próximo dele, são bem confiáveis. Não são apenas informações sobre a pessoa Jesus Cristo, mas relatos seguros sobre detalhes de seu caminhar enquanto esteve na terra. A importância literária de acordo com os quatro escritores é fundamental para nos situar não apenas nos ditos de Jesus, situações históricas geográficas e culturais nos Evangelhos.

Os retratos distintos de Jesus de acordo com a ótica de cada evangelista é expor Jesus como uma figura histórica dentro de um ambiente real e particular. Os ambientes históricos que ele é exposto serve para mostrar uma linha histórica, na qual ele fez algo importante que precisou ser relatado. Citando mais uma vez a conversa entre Jesus e a mulher samaritana, João faz questão de relatar uma conversa que aconteceu em uma região (Samaria) durante o dia em um poço histórico (Jo 4). A história de Jesus é inserida em um ambiente histórico para mostrar a ação de Deus na história. “Isso acontece de forma muito formal nas várias referência cronológicas a figuras históricas por Lucas, com as quais ele insere sua história de Jesus em tempos e locais específicos da história humana” (HURTADO, 2012, p. 357). Jesus é inserido em um ambiente em que Herodes, rei da Judeia estava (Mt 2.1-3), e quando teve um decreto de César Augusto durante a administração (Lc 2.1). Esses ambientes servem para mostrar Jesus entrando na história em que coisas importantes aconteceram nos dias em que esses reis reinavam.

Jesus não é apenas um homem poderoso contra as forças demoníacas e doenças, um mestre e orador formidável e líder, mas é um instrumento especial dos propósitos de Deus que envolvem a transformação do mundo, julgamento do mal e a vindicação das pessoas que se aliam aos propósitos de Deus.

O Evangelho apresenta uma grande narrativa sobre promessas e propósitos de Deus para com pessoas, lugares e ações que forma o que é entendido de modo mais geral como compreendendo a história. “O poder milagroso de Jesus era um aspecto crucial das crenças sobre ele em todos os círculos do cristianismo para os quais os quatro Evangelhos canônicos foram escritos” (HURTADO, 2012, p. 358).

As particularidades de cada autor dos Evangelhos são significativas. As características literárias dos Evangelhos são suficientes para ilustrar as ações de Jesus Cristo, seus ditos e comportamentos. São obras relevantes por direito próprio e desenvolvimento na história literária do cristianismo do primeiro século. Temos quatro retratos distintos a respeito da vida de Jesus para dizer que Deus é gracioso demais, pois nos concedeu quatro obras para nos alertar que somos pequenos demais para compreender a grandeza de seu Filho, Jesus. Fomos abençoados por Deus com os quatro retratos de acordo com cada evangelista sobre Cristo para nos informar que apenas uma ótica não seria suficiente, são necessários quatro olhares para anunciar a soberania de Cristo. Deus esteve agindo por meio de seu Filho e continua agindo hoje.

Em cada detalhe da história Deus esteve presente, e sempre irá reinar e governar soberanamente. “Os últimos cem anos de pesquisa bíblica produziram um desconcertante leque de novas teorias sobre a composição e interpretação dos Evangelho” (BLOMBERG, 2019, p. 55). Como podemos saber se os documentos dos Evangelhos são realmente confiáveis? É através da análise das formas que sabemos certos assuntos sobre a confiabilidade dos escritos dos Evangelhos.

O gênero literário do Evangelho nos mostra como a palavra de Deus foi comunicada para o povo em sua época em sua própria estrutura literária e, também, vemos a maneira como esse estilo de escrita foi usada em um contexto Romano. Seu estilo de escrita tem uma forma de transmitir seu conteúdo.

Mesmo cada evangelista escrevendo o mesmo gênero literário, Evangelho, observamos suas perspectivas distintas do outro. Jesus Cristo é grande demais para que as informações sobre sua vida e obra fossem transmitidas apenas por um evangelista, Deus em sua infinita graça nos concede quatro Evangelhos sendo escrita por quatro pessoas diferentes para que nós fôssemos abençoados com quatro obras distintas acerca de seu Filho, Jesus Cristo.

A hermenêutica é uma ferramenta acadêmica que nos permite olhar para as estruturas de um texto observando sua estética literária. Deus transmitiu sua palavra por meio de gêneros literários e examinar o estilo literário de cada livro, é enxergar a beleza e o caráter de Deus em sua Palavra. Deus nos deixou sua Palavra escrita (Bíblia) para que compreendêssemos sua vontade por meio dos textos.

Considerações finais

Feita certas considerações nesta pesquisa, percebemos que os estudos acerca das vozes distintas dos Evangelhos de acordo com cada evangelista servem de ferramenta para análise dos gêneros literários existentes na Bíblia. Sendo assim, esse estudo ajuda a compreender os olhares distintos de cada autor do Evangelho, ajudando-nos a enxergar através da ótica deles a vida de Jesus em um ambiente público.

Cada autor tem seu pensamento teológica sobre Jesus, afinal de contas, eles são mestres e pastores, isto é, eles ensinam as comunidades, na qual escrevem, e pastoreiam as comunidades para qual escrevem. As pessoas precisam saber quem de fato é Jesus, elas sabem quem de fato é ele. Deus sempre esteve agindo na história e continua agindo por meio da vida do seu Filho, Jesus.

É de acordo com cada autor que é possível entender a vida e obra de Jesus com lentes distintas. Jesus é grande demais, e isso fica nítido nos quatro Evangelhos. Deus abençoou sua igreja com quatro obras relevantes que falam sobre seu Filho, mostrando-nos a fragilidade, grandeza, morte e ressurreição de Jesus. Portanto, não adoramos um Jesus que viveu e morreu, pelo contrário, servimos e adoramos um Jesus que de fato sofreu e morreu, mas que está vivo, sentado a direita de Deus Pai e reinando sobre tudo e todos.

Referências

- BAUCKHAM, Richard. *Jesus e as testemunhas oculares: Os evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares*. São Paulo: Paulus, 2011.
- BEALE, G.K. *O Templo e a missão da igreja: Uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- BOCK, Darrel L. *Introdução e comentário aos evangelhos Jesus segundo as escrituras*. São Paulo: Shedd publicações, 2006.
- BORING, M. Eugene. *Introdução ao Novo Testamento: História, literatura e teologia – Vol II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- BULTMANN, Rudolf. *History os the Synoptic Tradition*. San Francisco: Hendrickson Pub, 1994.
- BURRIDGE, Richard A. *Four Gospel One Jesus? A symbolic Reading*. Grand Rapids: Erdmans Publishing, 2005.
- BLOMBERG, Craig L. *A confiabilidade histórica dos Evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- CAVALLARI, Marcelo Musa. *Os Evangelhos: Uma Tradução*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.
- HURTADO, Larry W. *Senhor Jesus Cristo: Devoção a Jesus no Cristianismo Primitivo*. Santo André: Academia Cristã/Paulus, 2012.
- MARSHALL, I. Howard. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- MORRIS, Leon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PENNINGTON, Jonathan T. *lendo os Evangelhos com Sabedoria: Uma introdução narrativa e teológica*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2019.

STRAUSS, Mark L. *Four Portraits, One Jesus: Na Introduction to Jesus And the Gospels*. Michigan: Zondervan Academic, 2020.

THIELMAN, Frank. *Teologia do Novo Testamento: Uma Abordagem canônica e Sintética*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.